

RECORDAÇÕES DE UMA VIDA. 60 ANOS DE DEDICAÇÃO À PARASITOLOGIA E AO INSTITUTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL

CARLOS ALVES PIRES

Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT), Universidade Nova de Lisboa (UNL). Rua da Junqueira, 100, 1349-008 Lisboa, Portugal. Telefone: +351213652. E-mail: alvespires@ihmt.unl.pt.

Unidade de Parasitologia e Microbiologia Médicas (UPMM) / Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

Os acasos e os acidentes ocorrem, mas nem sempre nos apercebemos desses fatos que podem alterar as nossas vidas, não importando quando e quanto.

Nem todas as recordações são para revelar e nem tudo o que se diz está completo. As meias verdades às vezes são muito úteis, mas aqui só ficam as minhas verdades.

RESUMO

O autor apresenta, de forma sucinta, a sua experiência profissional, de mais de 60 anos ao serviço do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, desde o início da sua carreira, com 16 anos, como técnico de laboratório, em Angola, na Missão de Prospecção de Endemias e, posteriormente, após as independências, noutros países de língua oficial portuguesa (Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Angola) no âmbito da Parasitologia Médica, com particular ênfase em Entomologia Médica e especialmente em culicídeos (mosquitos). São também focados aspetos relevantes dos trabalhos publicados, de que é autor ou co-autor, no que diz respeito ao referido grupo de vetores e em flebotómíneos, assim como a epidemiologia das doenças cujos agentes patogénicos são transmitidos pelos mesmos. Relembra algumas das suas relações científicas destes 60 anos de trabalho com vários Professores, Investigadores, Técnicos e Colaboradores, e das contrariedades e alegrias que partilhou durante a sua vida como cidadão e cientista.

SUMMARY

The author presents over 60 years of his professional experience on the Instituto de Higiene e Medicina Tropical, since the beginning of his career at 16 years of age, as laboratory technician in Angola, in the Missão de Prospecção de Endemias, to his research work on Medical Parasitology, with particular emphasis on Medical Entomology and specially on mosquitoes (Diptera, Culicidae), after the independence of other Portuguese speaking countries, namely Cape Vert, S. Tomé and Príncipe Islands.

Also focused are relevant published papers, authored or co-authored, regarding mosquitoes and phlebotomine sand flies (Diptera, Psychodidae), as well as the epidemiology of diseases whose pathogens are transmitted by these vectors.

The author mentions some of his scientific activities over these 60 years of work with several Teachers, Researchers, Technicians and Collaborators, and the hardships and joys that he shared during his life as a citizen and scientist.

BRIGADA DE ENDEMIAS EM ANGOLA

A Missão de Prospecção de Endemias de Angola (MPEA), criada pelo decreto nº 37727 de 30 de

janeiro de 1950 (I Série) tinha, por funções, o estudo e investigação de diversas endemias, destacando-se a febre amarela e a malária e, conforme o mesmo decreto, seria chefiada pelo Professor da Cadeira de Higiene do Instituto de Medicina Tropical que, à data, era o prestigiado Professor Doutor Francisco J. C. Cambournac, mais tarde Diretor Regional da Organização Mundial da Saúde para África, cargo que iniciou em 1954.

Fui admitido como auxiliar de laboratório da MPEA em 02 de março de 1953 e tive a minha primeira saída de campo para a área do Lobito, numa brigada chefiada pelo Dr. Álvaro Gândara, para estudar a presença/ausência de *Aedes aegypti* na região do aeroporto, à semelhança do que tinha sido efetuado na área do aeroporto de Luena (Vila Luso). Foi a minha primeira brigada e a que mais me marcou, por ser a primeira e porque a viagem se realizou durante a noite, com partida do Huambo e chegada ao Lobito ao raiar da aurora. Mas a verdade é que o Dr. Gândara, assistente do Professor Doutor Fraga de Azevedo e chefe interino da MPEA, foi extraordinário durante toda a brigada, compreendendo a minha situação de neófito e de jovem naquelas “andanças”. Penso que, com o meu empenho, passei a ter um amigo naquele médico, que tinha sido, anos antes, Presidente da Câmara do Lobito e criado bolsas de estudo, revelando assim a sua preocupação pelos menos favorecidos (Fig. 1).



Fig. 1 - Magalhães, Pires e Oliveira na sede da MPEA (Huambo, Angola), 1954.

Foi também nesse mesmo ano que tive a honra e o prazer de conhecer o Professor Cambournac que, como chefe da MPEA, se tinha deslocado ao acampamento em Capelongo (província da Huila), no sul de Angola, onde estávamos a fazer o levantamento das endemias prevalentes, com vista à instalação de um colonato com o fim de, através das colheitas de sangues em animais selvagens naquela província, saber da existência ou não de possíveis reservatórios do vírus da febre amarela.

Não quero e não posso deixar de realçar que o nosso primeiro encontro poderia ter alterado totalmente a minha vida profissional! O Professor Cambournac colheu sangue, principalmente de antílopes, com vénulas que foram conservadas num contentor térmico, vulgarmente denominadas de garrafas termos, para conservar e transportar eficazmente até à sede da MPEA, no Huambo (Nova Lisboa), o material biológico obtido. Acontece que o preparador, a quem foi entregue o material, guardou-o devidamente e, no dia seguinte, pediu-me para lhe entregar o material que estava no termos. Como havia uma outra garrafa igual, mas vazia, eu entreguei esta para o preparador levar para o Huambo, já que acompanhava o Professor Cambournac numa outra viatura. Após a chegada ao destino, foram verificar o material (“vénulas” com sangue) e ficaram, no mínimo espantados, por encontrarem a termos vazia.

Assim, como numa peça de teatro, o Professor Cambournac vira-se para o preparador e pergunta-

lhe onde estava o material e este responde que quem lhe tinha dado a garrafa de termos tinha sido eu e que, subentende-se, seria o responsável pela falta do material biológico. O Professor Cambournac, de imediato, determinou que eu seria despedido (talvez por ser um simples jovem assalariado). Contudo, o Dr. Gândara, com o seu sentido de justiça e porque provavelmente apreciava as minhas até então demonstradas qualidades de trabalho e de caráter, afirmou que seria eu despedido e o preparador transferido mas que eu não tinha a mínima responsabilidade e que deveria continuar no lugar que desempenhava. Perante estes argumentos, o Professor Cambournac concordou e eu mantive-me na MPEA e o preparador teve de ir e voltar a Capelongo para recuperar o material.

Se não fosse a atitude do Dr. Gândara, eu não teria, com certeza, seguido a via profissional na área da Parasitologia que me foi proporcionada pela sua intervenção e que, pela sua coerência e honestidade intelectual, foi uma das minhas referências. Contudo, muitos anos mais tarde, em 1992, quando prestei provas públicas para assistente de investigação do Centro de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), sediado no IHMT, o Professor Doutor Cambournac honrou-me com a sua presença assistindo às provas, fato raro porque este insigne malariologista e Homem da Saúde Pública nunca ou raramente antes o teria feito (Fig.2).



Fig. 2 - Professor Cambournac e Pires, 1992, IHMT, Lisboa.

Com a minha participação na segunda brigada, tive a oportunidade de me iniciar na Parasitologia e de conhecer, na Chissamba (Catabola), o casal Styrangway, médicos muito conceituados em Angola, devido aos seus elevados méritos científicos e humanos, que tinham adquirido na região e que contribuíram para o sucesso do trabalho da brigada pelo apoio que nos proporcionaram a diversos níveis.

Poucos meses depois, a MPEA fez deslocar à região de Camacupa uma brigada chefiada pelo Dr. A. Jacques Pena. Este, que ficaria a chefiar a brigada por pouco tempo, quis apresentar-me à autoridade administrativa local. O Dr. Pena, ao dizer quem eu era e qual o trabalho que eu iria realizar, ouviu do administrador: “*Já conheço o Carlos há muitos anos e sou compadre do Napoleão (meu pai), que foi meu colega na Faculdade (Direito de Lisboa)*”. Foi em Camacupa que chefei, pela primeira vez, uma brigada e, por coincidência, numa área em que o responsável administrativo era compadre dos meus pais.

Quero recordar, tempos depois, a presença do Professor Doutor Salazar Leite, ilustre dermatologista do Instituto de Medicina Tropical, que se deslocou a Angola numa missão para o estudo, entre outros, das doenças venéreas nos povos do sul de Angola e que, após a colheita do material biológico, aquando do regresso à sede da MPEA no Huambo (Nova Lisboa), perdeu a mala com os seus objetos pessoais e o material colhido.

Acontece que, nesta mala vinha, além do material biológico, uma gilete e respetivos acessórios em ouro, e nós, ingenuamente, pensámos ser esta a sua maior preocupação, quando, pelo contrário, ele só lamentava a perda do material biológico. Estranha maneira de atuar, pensava eu. Mas, mais tarde, vi como ele tinha razão: possuía uma fortuna pessoal elevada e aquela perda não significava nada para ele, enquanto o material biológico seria muito mais difícil de obter.

Também não posso esquecer uma das brigadas no norte de Angola, esta em 1957, com uma vasta área para prospetar e estudar, abrangendo a bacia hidrográfica do rio Lucala, nas quedas de Calandula (Duque de Bragança) e a bacia hidrográfica do rio Kuando (concelho de Quimbele), com o objetivo de estudar a distribuição das moscas do sono *Glossina palpalis palpalis* e *G. fuscipes quanzensis*, subespécies conhecidas como vetoras de tripanossomas em África, e a possibilidade do achado de exemplares ou de populações híbridas das mesmas.

Tivemos de fazer a travessia da ponte no rio Kuando, que não oferecia quaisquer garantias de segurança. Como a ponte se encontrava de tal modo instável para a passagem das duas viaturas ligeiras, decidi pedir para retirar todo o pessoal das viaturas e conduzir a primeira, como teste, para saber se a podíamos atravessar, o que não deixou de me preocupar porque sabíamos que no rio existiam não só hipopótamos mas também crocodilos...

Foi nesta brigada que pela primeira vez senti o que era fome. Naquela região do noroeste de Angola não existiam quaisquer tipos de restaurantes ou similares e, muito menos hotéis ou pensões para pernoitar, nem condições para instalar um acampamento com as tendas que nós transportávamos, nem qualquer tipo de água, exceto a dos rios da região. Como tínhamos gasto muitas energias para chegar àquela área e, porque as “estradas de terra batida” estavam em péssimo estado de conservação na época das chuvas, tudo isto contribuiu para que ficássemos bastante debilitados.

Em 1959, após o falecimento do Dr. Gândara, trabalhei com o Dr. Marini de Araújo Abreu, mais tarde Professor Catedrático do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto. Pessoa muito cordial, sempre com boa disposição, de trato fácil e muito dedicado ao Professor Fraga de Azevedo, que eu conheci aquando de uma visita que ele efetuou a Angola aproveitando a sua passagem por Luanda para irnos (Dr. Morais de Carvalho e eu) colher caracóis dos géneros *Biomphalaria* e *Bulinus*, (Família Planorbidae), naquela região.

Com o Dr. Marini tive oportunidade de trabalhar pela primeira vez no Úcua (região dos

Dembos) e, posteriormente, na região do Cuemba (província do Bié) para o estudo da oncocercose nestas duas áreas tão distintas e onde também conheci outro entomologista, o Dr. C. B. Worth, da Fundação Rockefeller que, com o Dr. H. E. Paterson, estudavam os vetores de arbovírus de vários países do sudoeste africano.

No Úcua, como aquele médico não podia permanecer muito tempo pelos compromissos inerentes ao cargo que desempenhava no Instituto de Medicina Tropical, onde era Assistente do Professor Fraga de Azevedo (cadeira de Zoologia Médica), tinha eu de organizar o trabalho entomológico e logístico, sendo secundado por dois colegas (Durval Pereira e João Cardoso). Lembro-me perfeitamente de, estando a almoçar no meio duma mata típica da região dos Dembos, ter dito aos meus colegas, no dia 30 de junho de 1960, dia da Independência do República Democrática do Congo (antigo Congo Belga), quando Patrice Lumumba fazia o discurso sobre o colonialismo belga, perante o rei Balduíno da Bélgica, que também o mesmo iria acontecer em Angola, tendo-se os meus colegas mostrado incrédulos com a minha afirmação (Figs. 3 e 4).



Fig. 3 – Durval, Pires e Cardoso, Úcua, Angola, 1960.



Fig. 4 – Pires capturando simúlídeos adultos, Úcua, Angola, 1960.

A verdade é que, menos de um ano depois, a guerra de libertação começava em Angola. Eram as minhas palavras “proféticas” ou seria a compreensão do processo histórico que já se tinha iniciado em Angola?

No meu trabalho de campo tive a oportunidade de apreciar as qualidades de muitos Auxiliares que ficavam ao meu lado, durante a noite, enquanto eu realizava trabalho laboratorial, fazendo-me assim companhia e sentindo que eles também tinham por mim respeito, consideração e amizade, como demonstraram os Senhores Jorge Cassoma, Jonas, Chipindo e tantos outros, para quem deixo aqui O MEU MUITO OBRIGADO profundo e sincero.

Outra das brigadas que marcaram indelevelmente a minha memória foi uma realizada na área do rio Lomba, em 1961, para estudar a área de distribuição de *Glossina morsitans centralis*, na

então designada mancha de Mavinga. A brigada era constituída por “três Carlos” [Dr. Fontes e Sousa (entomologista da Missão de Combate às Tripanosomíases, infelizmente já falecido), Freitas (caçador-guia) e eu próprio]. Tivemos de percorrer, durante várias dias, os canais e rios adjacentes do rio Kuando, no sudeste da atual província do Kuando Kubango. Foi um trabalho exaustivo, obrigando-nos a percorrer, a pé ou de piroga, vários quilómetros em áreas totalmente cobertas por água e sem prever o que iríamos encontrar para determinar a área de distribuição desta subespécie glossínica (Figs. 5 e 6). Esta região tinha sido habitada pela população autóctone havia dezenas de anos mas, com o avanço destes dípteros e o aparecimento da doença do sono, foi lentamente abandonada. Assim, nós encontrámos apenas vestígios das antigas povoações.



Fig. 5 – Pires e Fontes e Sousa, ao centro, numa piroga no rio Kuando, Angola, 1961.



Fig. 6 – Freitas, Pires, Fontes e Sousa e colaboradores. Preparação para captura de glossinas, nas margens do rio Lomba, Angola, 1961.

No início da década de 60 (1963), chega ao IIMA o Dr. Henrique Ribeiro, médico entomologista dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola que, desprovido nos seus serviços de origem de quaisquer apoios logístico e de material, foi colocado na Secção de Entomologia do nosso Instituto. Este médico entomologista, futuro Professor Catedrático do IHMT, possuía uma elevada, senão mesmo invulgar, formação científica, para além de uma grande cultura em outras áreas do saber. Com ele também muito aprendi e por isso aqui fica a minha homenagem.

Com o Dr. Ribeiro passei a ter outras funções, responsabilidades e conhecimentos que me permitiram avançar noutros domínios. É assim que começo a ter funções mais específicas na área da Entomologia e posso dizer que colaborei em quase todos os artigos no âmbito dos culicídeos, como de resto é sempre referido nos agradecimentos dos diferentes trabalhos efectuados com o apoio do IIMA.

A brigada que mais me entusiasmou e mais satisfação moral e intelectual me deu foi a do Kuando Kubango (Terras do Fim do Mundo,

segundo Henrique Galvão) que, independentemente de ter tido uma muito longa duração e termos percorrido uma vasta área por trilhos e picadas, nunca ou raramente utilizadas, foi aquela que me proporcionou conhecer uma região onde poucos, até então, a tinham percorrido e o IHMT, à época dirigido pelo falecido Dr. Fernando Moura Pires e sendo Subdirector o Dr. Vitor Casaca, foi o

pioneiro naquela região e nos objectivos pretendidos.

Por este link <http://vimeo.com/47827873> pode-se compreender e ver o tipo de trabalho e as dificuldades com que nos defrontámos nesta brigada e que executámos por dedicação, amor ao próximo, um certo “aventureirismo” e, quiçá, para servir a *coisa pública* (Fig. 7).



Fig. 7 – Pires corando lâminas para pesquisa de parasitas em Mavinga (Kuando Kubango, Angola), 1963.

Nos trabalhos que foram publicados na área da Parasitologia (Entomologia, Helmin-tologia, Malacologia e Protozoologia) e não só, posso dizer, com orgulho, que colaborei na sua quase totalidade e que serão umas largas dezenas ou mesmo mais de uma centena de publicações em revistas científicas nacionais e estrangeiras. Talvez alguns deles não tivessem o interesse que de momento pensávamos mas muitos foram, indiscu-tivelmente, um alicerce para se construir o saber futuro sobre a saúde em ANGOLA.

Durante a minha atividade na MPEA, recebi um louvor do Professor Doutor Guilherme J. Janz que, como Chefe da Missão, soube dirigir com saber e consciência as atividades desta, tendo eu encontrado nele uma pessoa sempre disponível para me prestar ajuda, com palavras sensatas, embora parcas.

Não posso deixar de lembrar o Investigador Dr. Vitor Casaca que durante vários anos, e não foram poucos, muito contribuiu para que a MPEA, o IIMA e o IPSPA tivessem o relevo

que tiveram no panorama científico nacional e internacional, e que desde cedo se dedicou de corpo e alma às tarefas que eram inerentes às instituições de que foi res-ponsável. O Dr. Casaca, fundamentalmente um parasitologista, que tinha qualidades humanas e de chefia que permitiram que muito se fizesse mais por solidariedade dos colaboradores do que por dever de ofício, era um ser humano sempre disponível para ajudar quem quer que fosse, desde o mais simples ao mais graduado funcionário da sua instituição, e no trabalho diário, o primeiro a dar o exemplo, nunca deixando de incentivar e ajudar os seus colaboradores a progredirem nas suas carreiras, mesmo aqueles que não dependiam diretamente dele. Foi, indiscutivelmente, um pilar da MPEA e dos IIMA e do IPSPA. Muito poderia contar sobre a minha convivência com os Drs. Casaca e Morais de Carvalho, quer no Instituto, quer nos trabalhos de campo.

Também recordo as viagens noturnas para o Calai (Kuando Kubango, Angola) para poupar as viaturas ao esforço que lhes era exigido durante as centenas de quilómetros, e as intermináveis horas que duravam e tendo muitas vezes de dormir dentro ou próximo dos veículos. Recordo, ainda, os acidentes com as viaturas que, por excesso de quilometragem ou deficiência de fabrico, não ofereciam as garantias de segurança exigíveis para aquelas viagens e, em que, infelizmente, num deles,

perdemos um funcionário muito diligente e competente, o Mestre, e noutro em que um dos motoristas ficou para sempre deficiente.

Foi a par do esforço profissional, e quantas vezes sacrifício, que consegui conhecer Angola de norte a sul e de este a oeste, (Fig. 8) exceto (há sempre as exceções) a atual Lunda Norte e Bentiaba (campo de concentração de S. Nicolau), no Namibe, este por imposição da PIDE/DGS.



Fig. 8 – Homem do povo Thockwé com uma máscara caraterística em Cazombo (Alto Zambeze, Angola), 1959.

Esta minha “aventura”, permanência e trabalho em Angola, de março de 1953 a novembro de 1970, foi o cimento para a minha formação científica, política e cultural.

REGRESSO A PORTUGAL

Em novembro de 1970, após a minha chegada a Portugal, concorri ao lugar de preparador de 2ª classe, recomeçando, assim, a carreira de técnico, demitindo-me do cargo que ocupava de Assistente Técnico do Instituto Provincial de Saúde Pública de Angola (ex-IIMA) onde tinha atingido o topo da carreira de técnico de laboratório.

Na Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, e após ter trabalhado como preparador, na Cadeira de Saúde Pública, regida pelo Professor Doutor Cambournac e, posteriormente, pelo inesquecível Professor Doutor Augusto Tito de Morais fui, a meu pedido, colocado, em 1975, na Disciplina de Entomologia Médica, regida pelo Professor Doutor Fraga de Azevedo, tendo aí recomeçado a trabalhar com o então Assistente, Dr. H. Ribeiro, futuro Professor Catedrático de Entomologia Médica e um dos mais eminentes entomologistas portugueses. A partir desta minha transferência, nunca mais deixei de trabalhar, fundamentalmente em

Entomologia Médica, integrado na sua equipa, constituída, à data, também pelo futuro Professor R. A. Capela, da Universidade da Madeira e pela Doutora Helena C. Ramos do Centro de Zoologia do Instituto de Investigação Científica Tropical.

Por estranho que pareça, após a conclusão da minha licenciatura em Biologia pela Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1978, a minha entrada efetiva na carreira de investigação só se verificou posteriormente e através do Centro de Doenças Infecciosas e Parasitárias do INIC, sediado no IHMT, em 1988, *por razões que a razão não aceita*.

Na continuidade da experiência acumulada em Angola, a tese da minha licenciatura em Biologia foi sobre os flebótomos de Portugal e originou o primeiro artigo em que se assinalou, pela primeira vez, a presença destes vetores de leishmânias no Algarve e foi igualmente com este artigo que se reiniciou o estudo das leishmanioses em Portugal (Pires, 1979) seguindo-se, no ano seguinte, outro em colaboração com o Professor Doutor Pedro Abranches (Abranches e Pires, 1980). A verdade é que, na primeira fase da minha atividade científica em Portugal, a área optativa foi a dos culicídeos ou mosquitos e só posteriormente é que dei continuidade ao estudo dos flebótomos, que tinha sido iniciada em Portugal pelo eminente Cientista Dr. Carlos França, em 1913 (Afonso *et al.*, 2007; França, 1913).

Na área dos culicídeos ou mosquitos, de 1974 a 1980, a equipa da Entomologia Médica do IHMT, constituída pelos Drs. Carlos Alves Pires, Helena Ramos e Ruben A. Capela, e coordenada pelo Professor H. Ribeiro, procedeu à prospeção sistematizada dos mosquitos de Portugal, resultando na constituição de uma coleção de mais de 20.000 exemplares, repartida por 44 espécies, e provenientes de várias centenas, senão um milhar de localidades. Foram publicados trabalhos, integrados fundamentalmente na série “Research on the mosquitoes of Portugal,” sendo o último artigo da série

publicado em 2007 (Ramos *et al.*, 2007), embora outros, da área dos culicídeos de Portugal tenham vindo “a lume”, num total de 28 artigos, 25 em revistas nacionais e 3 em revistas estrangeiras.

A importância do estudo dos vetores de plasmódios ou de outros parasitas foi, desde o início, um dos nossos objetivos. Para além do levantamento da carta culicideológica de Portugal, em algumas regiões este estudo foi mais aprofundado, nomeadamente nos Parques Naturais da Arrábida, de Montezinho e da Serra da Estrela (Ribeiro *et al.*, 1996; Ribeiro *et al.*, 1999a; Ribeiro *et al.*, 1999b). Efetuámos estudos da resistência natural do nosso potencial vetor da malária, o mosquito *Anopheles atroparvus*, ao *Plasmodium falciparum*, de origem africana (Angola e Moçambique) (Ribeiro *et al.*, 1989b) e estudos de culicídeos como potenciais vetores de filárias animais, no país, observando-se, pela primeira vez, *Culex theileri* Theobald, 1903 infetado por *Dirofilaria* sp. (Ribeiro *et al.*, 1983).

COOPERAÇÃO

A Cooperação foi sempre, para mim, um ato de alegria por constituir a continuação de uma filosofia constante e de grande preocupação em não permitir, dentro das minhas possibilidades, que se caísse num neocolonialismo ou similar, muitas vezes observado em vários países africanos, e não só, que tinham atingido a independência com grande esforço.

Durante a cooperação, de que fui interveniente, como é vulgar dizer, senti-me como peixe na água porque, por pouco que tivesse feito pela independência das antigas colónias, tive sempre a consciência de ter ajudado em tudo o que podia. Nesse sentido a minha atividade entomológica, posterior, não se restringiu apenas a Portugal mas, inevitavelmente, à cooperação com os países africanos de língua oficial portuguesa, o que iria constituir um outro aspeto importante da

minha vida científica, traduzida nos trabalhos desenvolvidos no domínio da entomologia da malária em Cabo Verde, em 1976 (Ribeiro *et al.*, 1980), em São Tomé e Príncipe, em 1986, e no da entomologia da febre amarela e outras arboviroses em Angola, em 1988, resultantes da cooperação com estes países (República de Cabo Verde, República de S. Tomé e Príncipe (Ribeiro *et al.*, 1988b; Ribeiro *et al.*, 1989a; Ribeiro *et al.*, 1997) e República de Angola (Ribeiro *et al.*, 1988a)).

Em Cabo Verde, efetuámos um estudo aprofundado, em todas as nove ilhas habitadas, sobre os culicídeos e a entomologia da malária daquele país, tendo sido publicada, posteriormente, uma monografia (Ribeiro *et al.*, 1980), que constitui, ainda hoje, uma referência para estudos deste grupo na região e, de resto, referenciado por outros autores, em conceituados livros de Medicina Tropical e em que apresentámos uma lista sistemática das oito espécies e subespécies conhecidas de Cabo Verde, incluindo uma subespécie nova *Ochlerotatus caspius meirai*, descrita no referido trabalho. Para além da descrição desta subespécie, o conhecimento dos culicídeos de Cabo Verde foi enriquecido com o achado de dois outros taxa ainda não conhecidos no País, bem como com numerosos dados relativos à distribuição das espécies pelas diferentes ilhas e dentro de cada uma delas (Ribeiro *et al.*, 1980).

Também na República de S. Tomé e Príncipe, e no âmbito da cooperação, em 1986, e na sequência de uma epidemia de malária, tivemos a oportunidade de iniciar um estudo da entomologia da malária e dos culicídeos em geral, nas duas ilhas, com o apoio da Comunidade Económica Europeia e da Cruz Vermelha Portuguesa, publicando-se um artigo sobre os vetores da malária nas duas ilhas e dois sobre os culicídeos das mesmas (Ribeiro *et al.*, 1988b; Ribeiro *et al.*, 1989a; Ribeiro *et al.*, 1997). Descreveu-se uma espécie nova para a Ciência, da ilha de São Tomé, *Culex (Eumelomyia) micolo* Ribeiro, Ramos, Capela & Pires, 1998, e efetuou-se

uma revisão dos mosquitos da Ilha do Príncipe, elevando-se de sete para catorze o número de espécies aí conhecidas.

Assim, tanto em Cabo Verde, como em S. Tomé e Príncipe e em Angola tivemos sempre, desde as altas instâncias políticas às autoridades sanitárias, um total apoio que, por exemplo, em Angola, sendo amigo de várias dirigentes, tinha ainda a vantagem de ter o Ministro da Saúde, de então, como meu amigo, que anos antes durante uma visita privada a Angola me tinha convidado para o lugar de entomologista no País, no âmbito da cooperação com a Organização Mundial para a Saúde, convite este que declinei, por razões não profissionais.

Em Angola, aquando do surto de febre amarela na área da cidade de Luanda, em 1988, avaliou-se a recetividade amarílica desta cidade, com base em vários índices de abundância larvar do único vetor presente, *Aedes aegypti*, na sua taxa de agressividade para o Homem e no conhecimento existente do contexto epidemiológico da febre amarela em Angola e no Continente Africano em geral (Ribeiro *et al.*, 1988a). Mas, nestes dois últimos países (S. Tomé e Príncipe e Angola) tivemos também a oportunidade de ministrar, *in loco*, cursos práticos intensivos de entomologia da malária e da febre amarela, respetivamente, ao pessoal técnico da Missão de Erradicação do Paludismo de São Tomé e Príncipe e do Serviço Nacional de Luta Antivectorial de Angola.

Entretanto, após a publicação dos dois artigos na área das leishmanioses, prossegui a minha atividade na área dos vetores e assim, em 1984, assinalei, pela primeira vez na Europa, a existência de dois vetores no mesmo foco leishmaniótico, na Arrábida, *Phlebotomus perniciosus* Newstead, 1911 e *P. ariasi* Tonnoir, 1921 (Pires, 1984). Encontrei, também, na região do Alto Douro aquelas duas espécies infetadas com formas promastigotas de leishmânias e isolei, pela primeira vez, *Leishmania infantum* MON-24 no vetor neste caso, em *P. ariasi* (Alves-Pires *et al.*, 1991).

Anos mais tarde, na continuidade que procurei dar ao estudo destes importantes vetores isolei, também no Algarve, *L. infantum* MON-1, responsável pela leishmaniose no Velho Mundo, em *P. perniciosus* Newstead, 1911, constituindo a 10ª publicação desta série (Alves-Pires *et al.*, 2001).

Assinalei, pela primeira vez na Europa, a presença de um nemátodo do género *Didilia* (Tetradonematidae: Mernithoidea: Nematoda) em *P. sergenti* Parrot, 1917. Esta publicação foi efetuada em colaboração com o Professor R. Killick-Kendrick, prestigiado flebotomologista a nível mundial, infelizmente recentemente falecido (Pires *et al.*, 1998).

O estudo dos flebótomos e da leishmaniose, em que ainda trabalho, e que se reflete em publicações em que sou um dos autores, é constituído por um conjunto de 33 artigos publicados em revistas nacionais (11) e estrangeiras (22) (dois estão para publicação), para além da colaboração em três capítulos de livros científicos, nomeadamente dois no âmbito das alterações climáticas (Afonso e Alves-Pires, 2008; Calheiros *et al.*, 2006; Miranda *et al.*, 2006), com as mais diversas instituições e investigadores, nacionais e estrangeiros tendo, também, sido convidado pelo coordenador do subprojeto EDEN-LEI, Dr. Paul Ready, do Museu de História Natural de Londres para coordenar a parceria portuguesa, no âmbito das leishmanioses, do projeto Emerging Diseases in a changing European Network - EC 6th PCRD e tendo, como colaboradores, as Professoras Doutoras Maria Odete Afonso (Unidade de Entomologia Médica/UPMM) e Lenea Campino (Unidade de Leishmanioses/CMDT), iniciado a 01 de novembro de 2004 e terminado a 31 de outubro de 2009.

Tive o prazer de participar em diferentes cursos e/ou estágios em vários países, não podendo deixar de realçar o efetuado na ilha de Gozo (República de Malta), em julho de 1989, onde tive a oportunidade de conhecer e aprofundar relações profissionais e de amizade com um conjunto de Investigadores da mais

elevada craveira científica na área das leishmanioses.

Paralelamente à minha atividade de investigação, desenvolvi, no IHMT, uma atividade docente que se iniciou no ano letivo de 1975/76 e que, com maior ou menor intensidade, terminou em 2006, sendo, nos últimos anos, restrita à área dos flebótomos.

Foi devido aos contatos estabelecidos no referido estágio, aparentemente vulgar, que me tornei amigo de Robert Killick-Kendrick, Mireille Killick-Kendrick, Nicole Leger, Bernard Pesson, Abdallah El Harith, Maria del Mar Vitutia, Geneviève Madulo-Leblonde e tantos outros, o que me permitiu, por exemplo, transportar, anos depois (1997), potes com formas imaturas de *P. perniciosus*, oferecidas pelo casal Killick-Kendrick, para instalação de uma colónia de flebótomos no IHMT, que se mantém até hoje, e que permite fornecer exemplares quer para a docência quer para trabalhos de investigação.

Recordo, no mínimo com agrado, que tive sempre, como lema, o apoio desinteressado aos colegas que de mim necessitavam e das inúmeras brigadas em que as horas dispendidas iam muito para lá do exigível, com o único objetivo de atingir as metas propostas e que se baseavam na qualidade, seriedade e profundidade dos trabalhos desenvolvidos, independentemente dos encargos financeiros que despendíamos.

Também foi, pela minha formação e, se me permitem, espírito científico que em Malta, embora o estágio fosse em flebótomos, não resisti e capturei culicídeos entre os quais se encontrou, posteriormente, uma espécie nunca anteriormente assinalada naquele território, *Culex laticinctus* Edwards, 1913 (Ramos *et al.*, 1992).

A minha atividade foi mais diversificada, sendo sócio fundador de duas sociedades científicas, a Sociedade Portuguesa de Entomologia (SPEN), criada em 1978 e de que sou membro da Comissão de Publicações para a área da Entomologia Médica da sua revista, o Boletim da Sociedade Portuguesa de Entomologia e, tenho participado ativamente como membro dos corpos gerentes. Sou também sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Parasitologia, criada em 1990.

Ao longo da minha vida profissional, participei em cerca de uma centena de Reuniões Científicas (Congressos e Simpósios), em diferentes países e os artigos de que sou autor ou co-autor são citados mais de uma centena de vezes por diferentes investigadores de mais de uma dezena de países.

A minha vida enquanto investigador seguiu as normas legais e normais, percorrendo todas as etapas mas não posso deixar de citar o comentário feito, dirigido-se a uma pessoa amiga em Junho de 2000 aquando do meu

doutoramento em Parasitologia pela Universidade Nova de Lisboa, pelo Presidente do Júri e também Presidente do Conselho Científico do IHMT, Professor Doutor Pedro Abranches, e que transcrevo parcialmente:

... Para mim foi uma surpresa, foi o doutoramento de maior nível a que tenho assistido nestes últimos anos. ... mas não esperava pelo brilho do seu comportamento nas respostas às questões que lhe foram colocadas, até com espírito ...



Fig. 9 – Professor Abranches, ao centro, abraçando o Professor Ribeiro, à esquerda e Pires, IHMT, 2000.

Atingi o cargo de Investigador principal, após concurso documental, em que fui aprovado por unanimidade. Durante um dos mandatos do Professor Doutor Jorge Torgal, da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, UNL em 2006, fui Subdiretor do Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

Tive a honra de ver o meu nome atribuído a uma nova espécie do género *Chrysops*, (Família Chrysopsidae) - *Chrysops* (*Chrysops*) *piresi*, pelo Professor Catedrático do Instituto de Investigação Científica Tropical, Doutor J. A. Travassos Santos Dias (Dias, 1985) e com a seguinte menção:

"Dedicamos cordialmente esta nova espécie ao Dr. Carlos Alves Pires, em atenção ao meritório esforço desenvolvido no estudo da fauna culicídica de Portugal e de alguns territórios africanos de expressão portuguesa." (Dias, 1985) e a uma subespécie

de um género de lepidópteros *Appias epaphia piresi* Mendes & Bívar de Sousa, 2006 da República de S. Tomé e Príncipe pelos Investigadores do Centro de Zoologia do Instituto de Investigação Científica Tropical, Luís Marques Mendes e Bívar de Sousa, com a seguinte menção: *The new subspecies is dedicated to our colleague and friend Dr. Carlos Pires, specialist on sand-flies (Diptera: Psychodidae: Phlebotominae) at the Instituto de Higiene e Medicina Tropical, in Lisbon, who collected part of the type material* (Mendes *et al.*, 2006).

Talvez o número de trabalhos publicados (mais de seis dezenas) não seja elevado, mas foram, de certeza, uma contribuição para o conhecimento culicideológico dos diferentes países onde se efectuaram os estudos e também uma contribuição, ainda incompleta é certo, para o conhecimento flebotomínico de

Portugal. Quero ainda realçar, que as colaborações foram sempre feitas com o único

objetivo de servir os povos e não o de me servir deles.



Fig. 10 – Membros e colaboradores da equipa da Unidade de Entomologia Médica do IHMT, 1995.

BIBLIOGRAFIA

ABRANCHES, P. & PIRES, C. A. (1980) – “O kala-azar em Portugal”. *Rev. Port. Doenç. Infec.*, 3: 203-217.

AFONSO, M. O. & ALVES-PIRES, C. (2008) – “Bioecologia dos vectores”. Em: SANTOS-GOMES, G. & PEREIRA FONSECA, I. & Chaves Ferreira (eds.), *Leishmaniose canina*. Publicações SA, Lisboa (pp. 27-40).

AFONSO, M. O., BRAZIL, R. P. & ALVES-PIRES, C. (2007) – “Carlos França in the Science (1877-1926)”. *Acta Parasitol. Port.*, 14: 23-26.

ALVES-PIRES, C., SANTOS-GOMES, G. M., PRATLONG, F., RIBEIRO, H., CAMPINO, L. & ABRANCHES, P. (1991) – “Phlébotomes du Portugal. IV. Infestation naturelle de *Phlebotomus ariasi* par *Leishmania infantum* MON-24 dans le foyer de l'Alto Douro”. *Ann. Parasitol. Hum. Comp.*, 66: 47-48.

ALVES-PIRES, C., CAMPINO, L., AFONSO, M. O., SANTOS-GOMES, G. M. & PRATLONG, F. (2001) – “Les Phlébotomes du

Portugal. X - Infestation naturelle de *Phlebotomus perniciosus* par *Leishmania infantum* MON-1 en Algarve. *Parasite*, 8: 374-375.

CALHEIROS, J. M., CASIMIRO, E., ALMEIDA, A. P. G., ALVES-PIRES, C., COLLARES-PEREIRA, M., CARDOSO, M. F.,

SANTOS-SILVA, M., AFONSO, M. O. & SOUSA, R. (2006). – “Saúde Humana e Implicações para o Turismo. Alterações Climáticas em Portugal: Cenários, Impactos e Medidas de Adaptação”. Em: SANTOS, F. D. & MIRANDA, P., *SIAM II*. Edição Gradiva, Lisboa (pp. 233-70).

DIAS, J.A.T.S. (1985) – “Notas sobre os tabanídeos (Diptera - Tabanidae) de Portugal. XII. Acerca de um lote proveniente de Arrábida”. *Actas II Congr. Ibér. Entomol.*, 1: 123-136.

FRANÇA, C. (1913) – “*Phlebotomus papatasi* (Scopoli) et fièvre à Pappataci au Portugal”. *Bul. Soc. Path. Exot.*, 6: 123-124.

MENDES, L. F. & BÍVAR DE SOUSA, A. M. (2006) – “Notes and descriptions of Afrotropical *Appias* butterflies (Lepidoptera: Pieridae)”. *Bol. Soc. Entomol. Arag.*, 39: 151-160.

MIRANDA, P. M. A., MOITA, R., CASIMIRO, E., CALHEIROS, J. M., SOUSA, C., ALVES-PIRES, C., COLLARES PEREIRA, M., CARDOSO, M., AFONSO, O., ALMEIDA, A. P. G., NOGUEIRA, P. & SUSANA, R. (2006) 10 – “Estudo de Caso da Região do Sado – Saúde Humana. Alterações Climáticas em Portugal: Cenários, Impactos e Medidas de Adaptação”. Em: SANTOS, F. D. & MIRANDA, P., *SIAM II*. Edição Gradiva, Lisboa (pp. 451-462).

PIRES, C. A. (1979) – “Contribuição ao conhecimento da distribuição e bioecologia dos flebotomos em Portugal”. *Bolm. Soc. Port. Ciênc. Nat.*, 19: 197-210.

PIRES, C. A. (1984) – “Les phlébotomes du Portugal. I - Infestation naturelle de *Phlebotomus ariasi* Tonnoir, 1921 et *Phlebotomus perniciosus* Newstead, 1911, par *Leishmania* dans le foyer zoonotique de Arrábida (Portugal)”. *Ann. Parasitol. Hum. Comp.*, 59: 521-524.

PIRES, C. A., TANG, Y. & KILLICK-KENDRICK, R. (1998) – “*Didilia* sp. (Tetradenematidae: Mermithoidea: Nematoda), parasite of *Phlebotomus sergenti* in Portugal”. *Parasite*, 4: 191-192.

RAMOS, H. C., NOVO, M. T. & PIRES, C. A. (1992) – “*Culex lactincintus* Edwards, 1913 (Diptera, Culicidae). Um mosquito novo para a Rep. de Malta”. *Actas V Congr. Ibér. Entomol.*, 1: 253-259.

RAMOS, H. C., RIBEIRO, H., ALVES-PIRES, C. & CAPELA, R. A. (2007) – “Research on the mosquitoes of Portugal (Diptera, Culicidae) – XIII – The mosquitoes of Trás-os-Montes and Alto Douro”. *Bolm. Soc. Port. Ent.*, 218: 49-71.

RIBEIRO, H., RAMOS, C., CAPELA, R. A. & ALVES-PIRES, C. (1980) – Os mosquitos de Cabo Verde (Diptera, Culicidae). Sistemática, distribuição, bioecologia e importância médica. *Estudos Ensaios e Documentos*, 135. Edição da Junta e Investigações Científicas do Ultramar (JICU), Lisboa.

RIBEIRO, H., RAMOS, H. C. & PIRES, C. A. (1983) – “Contribuição para o estudo das filariases animais em Portugal. I - Infecção natural do mosquito *Culex theileri* Theobald por *Dirofilaria* sp.. *J. Soc. Ciênc. Méd.*, 147: 143-146.

RIBEIRO, H., RAMOS, H. C., ALVES-PIRES, C. & CHINGA, E. A. (1988a) – “Sobre a receptividade amarilica da cidade de Luanda”. *Acta Méd. Angol.*, 7: 11-20.

RIBEIRO, H., RAMOS, H. C. & PIRES, C. A. (1988b) – “Sobre os vectores da malária em S. Tomé e Príncipe”. *Garcia de Orta, Sér. Zool.*, 15: 135-152.

RIBEIRO, H., RAMOS, H. C., PIRES, C. A. & CAPELA, R. A. (1989a) – “Os mosquitos (Diptera, Culicidae) da ilha do Príncipe”. *Garcia de Orta, Sér. Zool.*, 16: 163-170.

RIBEIRO, H., BATISTA, J. L., RAMOS, H. C., PIRES, C. A., CHAMPALIMAUD, J. L., COSTA, J., ARAÚJO, C., MANSINHO, K. & PINA, M. C. (1989b) – “An attempt to infect *Anopheles atroparvus* from Portugal with african *Plasmodium falciparum*”. *Rev. Port. Doenç. Infec.*, 12: 81-82.

RIBEIRO, H., PIRES, C. A. & RAMOS, H. C. (1996) – “Os mosquitos do Parque Natural da Arrábida (Insecta, Diptera, Culicidae)”. *Garcia de Orta, Sér. Zool.*, 21: 81-110.

RIBEIRO, H., RAMOS, H. C., CAPELA, R. A. & PIRES, C. A. (1997) – “Os Mosquitos (Diptera, Culicidae) da Ilha de São Tomé”. *Garcia de Orta, Sér. Zool.*, 22: 1-20.

RIBEIRO, H., RAMOS, H. C. & PIRES, C. A. (1999a) – “Os mosquitos do Parque Natural de Montesinho (Insecta, Diptera, Culicidae)”. *Garcia de Orta, Sér. Zool.*, 23: 23-67.

RIBEIRO, H., RAMOS, H. C., PIRES, C. A. (1999b) - “Os mosquitos do Parque Natural da Serra da Estrela (Insecta, Diptera, Culicidae)”. *Garcia de Orta, Sér. Zool.*, 23: 119-168.